

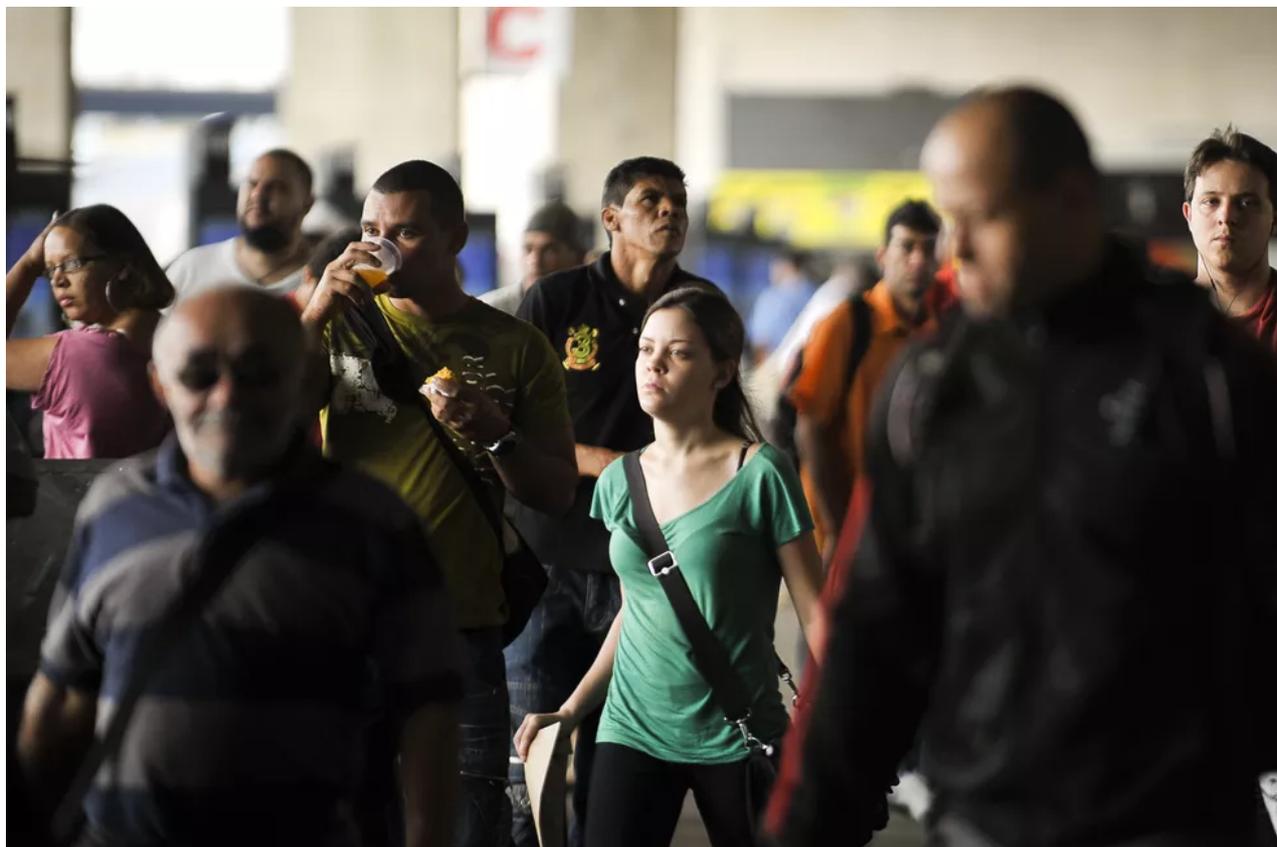
Jornada reduzida pode ajudar jovens ‘nem-nem’, aponta FGV

 valor.globo.com/brasil/noticia/2021/05/17/jornada-reduzida-pode-ajudar-jovens-nem-nem-aponta-fgv.ghtml

O número de jovens que não trabalham nem estudam, os chamados “**nem-nem**”, **cresceu na pandemia, mais pela deterioração do mercado de trabalho** para esse grupo, que já fora bastante atingido na última recessão, **do que por um aumento da evasão escolar**. Diante desse cenário, estudo do **FGV Social** sugere que é preciso aproveitar o momento para ampliar os conteúdos educacionais e incentivar jornadas reduzidas de trabalho, “socializando” a geração de postos de trabalho entre um grupo maior de jovens.

Segundo a pesquisa de Marcelo Neri, diretor do FGV Social, a taxa de pessoas com 15 a 29 anos que não estudam nem trabalham acelerou para 25,52% no quarto trimestre de 2020, ante 23,66% no fim de 2019. Ao longo de 2020, esse número chegou a bater recorde histórico, atingindo 29,33% no segundo trimestre. O ponto mais baixo da série, iniciada em 2012 a partir de microdados da Pnad Contínua, foi no primeiro trimestre de 2014, com uma taxa de 20,78%.

“O primeiro ponto de inflexão se dá no fim de 2014. De 2015 a 2017, observamos gradual mudança de três pontos percentuais no patamar das séries, indo de 21% para cerca de 24%, seguida de manutenção deste nível mais alto”, descreve o estudo, referindo-se agora às médias móveis de quatro trimestres. A chegada da pandemia depois do últimos período de 2019 provoca uma aceleração na taxa de jovens “nem-nem” em mais três pontos percentuais por essa métrica, chegando à faixa de 27% no fim de 2020.



— Foto: Agência Brasil

Os maiores percentuais de “nem-nem” no último trimestre de 2020 estavam entre mulheres (31,29%), pretos (29,09%), moradores do Nordeste (32%) e de periferia das maiores metrópoles brasileiras (27,41%), chefes de família (27,39%) e pessoas sem instrução (66,81%). O fato de as maiores incidências dos “nem-nem” estarem entre aqueles com menor nível de educação e principais provedores das famílias apresenta “implicações para o futuro desses jovens e famílias inteiras”, escreve Neri.

Subdividindo os jovens, o estudo observa ainda que a taxa entre 20 a 24 anos e 25 a 29 anos, que era próxima no início da série, em 2012, e havia se descolado ao longo da última recessão com aumento expressivo dos “nem-nem” mais jovens, voltou a se aproximar na pandemia, com a piora relativa da situação entre os jovens adultos.

A pandemia foi marcada por perdas trabalhistas para o conjunto dos jovens, ampliando a magnitude de um movimento já observado nos últimos anos. Só a desocupação na faixa de 15 a 29 anos subiu de 49,37% em 2019 para 56,34% em 2020.

Por outro lado, o estudo identificou uma queda na taxa de evasão escolar durante a pandemia, considerada surpreendente pelo pesquisador. A evasão atingiu o nível mais baixo da série no último trimestre de 2020, com 57,95% para jovens entre 15 e 29 anos, ante 62,2% em igual período de 2019. No pré-covid, o que se observava era estabilidade.

Embora a queda na taxa de evasão escolar durante a pandemia esteja presente em todos os grupos jovens, ela foi particularmente maior entre jovens adolescentes de 15 a 19 anos, passando de 28,95% no quarto trimestre de 2019 para 22,16% em 2020.

A combinação entre falta de oportunidades de inserção trabalhista e menor cobrança escolar — em relação à presença e com aprovação automáticas — poderiam explicar a menor evasão, sugere o estudo.

“É importante notar que esta tendência entre todas as faixas jovens está em oposição ao observado nas faixas de 5 a 9 anos de idade, nas quais a taxa de evasão e a redução do tempo dedicado aos estudos bateram recordes”, aponta. “A maior dependência infantil de professores tutores presenciais e a própria dificuldade de lidar com a internet podem explicar esta divergência.”

O estudo reforça que é preciso “tirar partido dessa situação inusitada e prover aos jovens novos conteúdos educacionais em larga escala”.

Acompanhar o comportamento dos “nem-nem” é importante exatamente para compreender os desafios dessa fase de transição da infância à idade adulta, um período em que mudanças podem deixar marcas na trajetória futura dos jovens, destaca o estudo.

Nesse sentido, diz Neri, incentivos a jornadas reduzidas de trabalho juvenil podem ser desejáveis porque possibilitam qualidade de ensino ao mesmo tempo em que “socializam” a geração de postos de trabalho entre um grupo maior de pessoas, “com efeitos também sobre a equidade trabalhista”, afirma.